

A Poesia e o Mistério em Armando Martins Janeira

No dia 1 de Setembro completaram-se 95 anos sobre o nascimento do embaixador Armando Martins (1914-1988)¹, que hoje todos recordam, mesmo no meio diplomático, como Armando Martins Janeira, nome com que se distinguiu na literatura.

Dedicou muito estudo ao Japão, país onde representou Portugal em dois períodos, num total de uma década, e onde confessa ter vivido os anos mais felizes da sua vida. Dessa convivência, deixou-nos obras basilares como *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa, Japanese and Western Literature – A Comparative Study* e *Figuras de Silêncio – A Tradição Cultural Portuguesa no Japão de Hoje*; ou *O Jardim do Encanto Perdido – Aventura Maravilhosa de Wenceslau de Moraes no Japão* e *Peregrino*, que constituem importantes fontes de documentação para a análise da vida e da obra do autor d’*O Bon-Odori em Tokushima*; ou ainda estudos que atestam quão fundo quis penetrar na cultura nipónica como *Nô, Teatro Lírico Japonês* ou as crónicas que reuniu em *Caminhos da Terra Florida – A Gente, a Paisagem, a Arte Japonesa*.

Foi Armando Martins o grande responsável pela reactivação das relações culturais luso-japonesas no século XX, contribuindo assim para a recuperação da imagem de Portugal no Japão, através da divulgação da língua e da cultura portuguesas, bem como para a difusão e a incrementação do interesse pelo estudo no nosso país da cultura e da civilização orientais.

No entanto, a riqueza da sua extensa Obra, a sua imensa cultura e o seu espírito universalista transformam-no numa personalidade muito para além do japonólogo. É verdade que desde muito novo mostrou largo interesse pelo Oriente e por toda a literatura

¹ De 29 de Agosto a 30 de Outubro, a Câmara Municipal de Torre de Moncorvo homenageou este seu notável, natural de Felgueiras, no Centro de Memória da vila, com a exposição *Armando Martins Janeira ou a Busca do Homem Universal*, que traçava o seu percurso na vida e no mundo através de algum do seu espólio, uma parte dele cedida para esta iniciativa pela sua viúva, Ingrid Bloser Martins, e outra parte por ela entretanto doada ao Município.

oriental. Conta-se que Armando Martins ia a pé para a escola para guardar o dinheiro que o pai lhe dava para as viagens de autocarro, para poder comprar os livros de Wenceslau de Moraes, que lhe traziam, pelos olhos de um português, impressões sentidas de um destino exótico e ambicionado. Mas é também verdade que o seu desejo de conhecimento era inesgotável. Armando Martins escreveu igualmente sobre o romance, a poesia, especialmente de Camões e Fernando Pessoa, e o teatro em Portugal, e em relação ao teatro interessou-se em particular pelo de Gil Vicente, que aproximou do teatro *nô* japonês no ensaio *O Teatro de Gil Vicente e o Teatro Clássico Japonês*; publicou um livro de contos: *Esta Dor de Ser Homem*, duas peças de teatro: *A Grande Feira do Mundo* e *Linda Inês*, que mais tarde reescreveu e a Pássaro de Fogo editou postumamente com o título *Linda Inês ou o Grande Desvairo*, sendo este sem dúvida um dos mais belos textos que já se escreveram em língua portuguesa sobre o drama de amor de Pedro e Inês desde as crónicas de Fernão Lopes; fez um trabalho pioneiro sobre Direito Consular, registado em vários livros; e debruçou-se ainda sobre os mais diversos temas nos inúmeros artigos que escreveu para jornais e revistas. De notar que os seus inéditos, em que se distinguem mais de dez peças de teatro e estudos exaustivos sobre as religiões do mundo, são parte muito significativa da sua Obra.

Os três primeiros livros que publica, fundamentais na sua carreira intelectual, contêm já o germe dos seus futuros trabalhos. O crítico António Quadros, na escolha que faz dos melhores livros do ano de 1948², destaca «uma estreia brilhante, a de Mar Talegre», pseudónimo então usado por Armando Martins, com *Esta Dor de Ser Homem* e «dois ensaios valiosos», *Três Poetas Europeus – Camões, Bocage, Pessoa e Sentidos Fundamentais do Romance Português*.

A poesia é a revelação do Desconhecido, do mundo nebuloso e mágico, oculto sob a superfície da realidade certa. E como as regiões do Desconhecido são infinitamente mais extensas e mais ricas do que as da realidade já possuída, a Poesia é a mais rica e mais complexa expressão do Homem e do Mundo. O Poeta aplica o

² António Quadros, «Ainda a Crise do Livro – Literatura de Rotina», in *Diário Popular*, 5 de Janeiro de 1949.

seu ser total à descoberta e compreensão do universo de si próprio: o pensamento, a fantasia, o inconsciente, a alucinação, o sonho; todas as forças racionais, irracionais, sobrenaturais, de que dispõe, são pontes que o levam ao país fantástico do Desconhecido. Daí o carácter maravilhoso do fenómeno poético. É de ser empreendida com a utilização de todos os poderes do ser humano que a obra poética recebe o seu cunho de síntese – e de universalidade.³

Os dados estão lançados nestas palavras com que Armando Martins se estreia na literatura. Não é por acaso que a Poesia e o Mistério protagonizam o primeiríssimo dos seus livros, *Três Poetas Europeus*. O aparecimento desta obra numa altura em que o conceito de Europa é batido por uma das mais sérias crises que o atingiram reveste-se de acrescida importância. O autor pretende conferir aos três poetas escolhidos, Camões, Bocage e Pessoa, uma eternidade europeia que os plasme na poesia planetária e os liberte assim do restrito nacional. Neste exercício de defesa do sentimento poético universal, sem grilhões a prendê-lo a um tempo e a um espaço específicos, o jovem Mar Talegre, ou Armando Martins, cai, ou antes, eleva-se, nas profundezas do seu próprio ser. Ao admitir que a fonte de inspiração de qualquer poeta é um milagre, só permitido pelo poder de forças que existem no homem, mas que ele próprio desconhece, o autor está simultaneamente a pressentir a sua quiddidade, aquilo que ele é em si, aquilo que traz pronto no seu interior. Diz ele que «a Poesia é anterior à sua expressão verbal, vive diluída na essência dos seres e das coisas, onde a têm bebido tantas almas sensíveis que nunca escreveram versos. Esta Poesia pura existe, não em si mesma, mas esparsa no universo, como a cor, o som, o perfume, a luz, a tristeza, o sorriso, que só existem multimodamente nas coisas ou nas almas»⁴. Sem dúvida, este seu ensaio contribuiu para o estudo dos fundamentos filosóficos da nossa poesia, mas o que aqui ressalta, para a compreensão da personalidade do autor, são os seus próprios traços originários: Camões, Bocage e Pessoa souberam apreender a essência do

³ Mar Talegre, *Três Poetas Europeus – Camões, Bocage, Pessoa*, Livraria Sá da Costa-Editora, Lisboa, 1947, p. 7.

⁴ *Idem, ibidem*, p. 12.

Mistério e as riquezas do Universo e transmiti-las com generosidade, pela poesia, aos homens, e é, afinal, também esse o desígnio de Armando Martins.

O sentimento profundo e indefinido, a inquietação vaga que magoa as raízes mais fundas do ser humano; a aspiração incerta, a angústia veemente e inapreensível, que se escapa dos dedos da alma como fiapos de nuvens; a beatitude clara que voga ao de cima da alegria pura; a libertação pelo sonho e o arroubo místico pelos raptos da fantasia; a atracção aflitiva para o convívio privado consigo próprio; o terror da sua própria alma e dos recantos misteriosos e sombrios onde se geram os seus poderes sortílegos e incontroláveis; o trágico sentimento dos limites, onde, dentro de nós mesmos, cessa a intervenção do espírito, a liberdade do seu querer, das fronteiras do mundo escuro e larvar de cujas lodosas profundidades sobem rebates indistintos em que a vontade se quebra; o pressentimento vago dum movimento que impele a nossa vida e do *devenir* universal de que esse movimento provém; a intuição da necessidade metafísica da morte; a suspeita viva de que em dados momentos roçamos pelo Desconhecido – isto e tudo o mais que está para além das disciplinas da Razão e da Palavra pertence exclusivamente ao domínio da Poesia.⁵

Deixando que os seus sentidos se impregnem daquilo que verdadeiramente é, a orientação poética de Armando Martins movimenta-se nos dois mundos: o real e o misterioso. A sua primeira passagem pelo Oriente no início da década de 1950 ditou-lhe sentires renovados: é o contacto directo – intelectual e espiritual – com todo um sistema filosófico e religioso, já intuído pelo seu ser interno, que lhe ensinará, ou reafirmará, o significado da vida e da felicidade, e orientará os seus estudos sempre no sentido de uma integração no universal, no eterno, no plano intemporal das grandes obras da literatura.

⁵ *Idem, ibidem*, pp. 11-12.

Há vidas claras, directas, sem hesitações nem tumultos, exactas e largas como a planície à luz meridiana; e há vidas perturbadas e sinuosas, ora escuras e descendo a abismos, perdendo-se entre sombras, ora plenas, radiosas, abertas como um grande rio que, depois de atravessar sinistras cavernas, surge largo e deslumbrante ao Sol. Se aquelas podem oferecer um exemplo de felicidade sem sombras, são estas, que se mancharam na maldição e se purificaram na graça, que alargaram os limites do Homem e do seu conhecimento de si mesmo.⁶

Armando Martins tinha o dom do poeta de transformar a escrita em sentimento. Sensibilidade atenta, vestia os seus textos de uma beleza admirável que fazia dele um escritor penetrante e de excepção, traçando a sua estrada sem desvios, luminosamente. Prova disso é por exemplo o livro *Peregrino* em que, partindo quase do pretexto da descrição de um acontecimento concreto – a inauguração em Tokushima, no Japão, de um monumento a Wenceslau de Moraes –, o autor revela na sua forma literária não apenas orientalismo nem exotismo, mas também, e sobretudo, espiritualismo e efusão lírica, pela adoração que dedica tanto à Vida como à própria Poesia. Em *Peregrino*, o leitor está perante um investigador do Mistério com a curiosidade de se debruçar sobre o âmago da paisagem humana, uma paisagem onde esse investigador, Armando Martins, se inclui, e que protagoniza através de um acto de meditação, em que a prece e a contemplação encontram abrigo nas suas palavras. A qualidade da escrita de Armando Martins reside na delicadeza com que transporta o leitor a mundos mais ou menos subtis onde se partilham emoções.

Conheci o lugarejo de Yokoseura, pobre reminiscência da próspera cidade. Cheguei lá numa manhã de sol criador. Sobre a estrada, ao longo das águas verde-violeta, espargiam-se aromas de balsas e cintilações do mar. De quando em quando um pinheiro desgarrado surgia numa ilhota de dois palmos, entre um penedo e um pequeno *momiji* vermelho, tão debruçado sobre o mar que dir-se-ia enamorado da sua própria imagem ondulante.

⁶ Armando Martins Janeira, *Peregrino*, 2.^a ed., col. «A Oriente», Pássaro de Fogo Editora, s.l. [Carcavelos], 2008, pp. 71-72.

Depois, subitamente, ao tornar duma curva, surge Yokoseura. O lugarejo arrumou numa tira de terra modesta, entre a estrada e o mar, as suas duas dúzias de casas pobres de pescadores. Ao cimo da aldeia ergueram, em 1962, o monumento comemorativo que é o símbolo de toda a sua glória. Quase em frente, o ilhote de S. Pedro, encimado de novo por uma cruz de madeira, de oito metros de altura, levantada na celebração do quarto centenário da fundação da cidade de Yokoseura. Ainda há almas piedosas que não deixam morrer a memória dos feitos dos homens e persistem em fazer reviver à terra as suas horas de grandeza.

Parámos ao pé do monumento, juncado de flores, engalanado de fitas festivas. Nenhuma cerimónia estava prevista. Era simplesmente a visita, de passagem, do Embaixador de Portugal. Na minha frente, o pequeno grupo dos habitantes de Yokoseura olhava-me com curiosidade, quase com espanto. Pareceu-me descortinar no olhar daquela gente um fundo de simpatia, de afinidades invisíveis, que quatro séculos de ausência não haviam conseguido apagar. Um impulso irresistível, que me vinha do fundo da alma, levou-me a aproximar-me. Dei uns passos para o grupo. E falei-lhes. Recordei-lhes como há quatro séculos homens do meu longe país ali tinham vindo visitar os seus maiores para lhes trazer a palavra e o amor do Ocidente. E que eu agora ali voltava para lhes reafirmar a mesma amizade. Em Cristo e em Buda, todos somos irmãos, e o mesmo Sol ilumina todos os homens e fecunda a terra inteira. Em nome de Portugal vinha saudá-los e exortá-los a que nos guardassem a antiga amizade. E jurei-lhes a nossa amizade, em nome deste mar sagrado que nos aproximou.

Respondeu-me o silêncio claro da manhã – e o olhar da gente, agora cordial, de humana compreensão. Depois, inesperadamente, um por um, primeiro os homens, a seguir as mulheres com as crianças pela mão, desfilaram diante de mim e me fizeram a vénia de saudação japonesa, que retribuí, profundamente comovido. Havíamos quebrado quatro séculos de ausência.⁷

⁷ Armando Martins Janeira, *Figuras de Silêncio – A Tradição Cultural Portuguesa no Japão de Hoje*, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisboa, 1981, pp. 150-152.

Mesmo na sua narrativa clara da descrição histórica dos factos, há graça e encanto, frequentemente com eloquência; e, sempre que o acaso permite, o autor oferece visões perspicazes e profundas das gentes de que fala.

Por detrás de tudo o que escreve, sente-se em Armando Martins uma leitura vasta e sólida. Vale a pena dizer de novo: ele é verdadeiramente culto. Todavia, de natureza insatisfeita, sempre numa busca contínua da perfeição, o escritor não dava um estudo seu por completamente definitivo. Havia sempre algo a depurar, algo mais que pudesse até aprender, ou depreender, e enriquecer a sua obra. Nos seus inéditos, por exemplo, não são raras as notas manuscritas nas margens das páginas ou até versões diferentes de um mesmo trabalho, o que revela o burilar constante do seu pensamento literário.

Em 1969, Janeira publicou no Japão, através da prestigiada editora Charles E. Tuttle, um livro de escassas 50 páginas, em língua inglesa, com o título *The Epic and the Tragic Sense of Life in Japanese Literature*, e que passou despercebido à crítica e ao público. O seu conteúdo, profundo e interessantíssimo, tê-lo-á Janeira considerado de especial relevo, pelo que o reviu e melhorou e o incluiu integralmente num dos seus mais elogiados estudos, *Japanese and Western Literature – A Comparative Study*, publicado um ano depois pela mesma editora, também em língua inglesa. O suplemento literário do *The Times* de 20 de Agosto de 1971 escreve que «Janeira traça o panorama da literatura japonesa com uma riqueza de erudição e percepção extremamente esclarecedora para o leitor europeu [...] e exprime com clareza numa língua que não é a sua os pontos essenciais que caracterizam a tradição literária japonesa». Classifica ainda este ensaio como «a obra mais notável publicada sobre as relações entre o Japão e o mundo ocidental». Pisando terreno então virgem, Armando Martins junta-se à lista de brilhantes diplomatas estrangeiros que deram uma contribuição significativa para o estudo da cultura japonesa, como Aston, Eliot, Satow, Sansom ou Claudel, mas deixa bem claro que a pretensão deste livro é tão-só o estudo do homem, ou mais precisamente do homem universal. O mistério do homem universal não está no Oriente nem no Ocidente, mas no próprio homem. Este tema – o Mistério de todas as coisas –, tão caro a Armando Martins, é aqui de novo abordado assertivamente nos capítulos que o escritor recuperou de *The Epic and the Tragic*

Sense of Life in Japanese Literature. As diferenças acentuadas que se encontram entre o Japão e o Ocidente derivam principalmente do pensamento e do sentimento budistas que deram toda a densidade e profundidade à literatura japonesa.

O que na cultura japonesa é fluido e nebuloso e na cultura ocidental é profundo e imenso é o conceito de vida e a consciência do valor da morte. Não é nos conceitos divergentes de pecado que assenta uma das maiores diferenças entre o Oriente e o Ocidente; é em algo mais profundo, de que depende a extensão do pecado: a reverência pela vida e o valor da morte. Na filosofia do homem ocidental, formada por vinte séculos de influência cristã, a morte é a medida de todas as coisas, a medida absoluta, derradeira. A morte é o limite trágico: confere à vida o mais elevado dos valores, pois há apenas uma vida: o homem não tem hipóteses de se tentar salvar ou remir em reencarnações futuras. No Oriente (China, Coreia, Japão), a morte é sinónimo de nada. Na inescrutável distância entre estes dois opostos vivem todas as grandes criações da literatura e da arte ocidentais e orientais.

A dor da perda é mais profunda no Ocidente; a alegria de uma iluminação que não mais se repetirá é mais realçada quando é atingida. Alcançar a felicidade é mais difícil, uma vez que o caminho para a perfeição é mais espinhoso e mais árduo. Para um xintoísta é fácil ser feliz: os seus deuses são fáceis de satisfazer e não exigem grande coisa dos homens. O deus cristão exige do homem mais do que ele consegue alcançar. Daí a tensão do homem ocidental e a sua ansiedade para atingir a perfeição absoluta.⁸

Armando Martins vê a literatura como uma disciplina fundamental da humanidade. Mais do que qualquer outra, ela permite penetrar no próprio significado da vida: as maravilhas da vida e os mistérios da morte. Todavia, não é o Mistério apenas – o Mistério enquanto Mistério – que encanta Armando Martins, mas também o eventual poder da razão para o racionalizar. Daí ainda a sua maior ambição, várias vezes confessada: ser poeta para

⁸ Armando Martins Janeira, *Japanese and Western Literature – A Comparative Study*, Charles E. Tuttle, Tóquio, 1970, p. 270 (tradução).

«descobrir os signos secretos que são as portas por onde o homem penetra na harmonia universal»⁹.

Com grande surpresa recebi telegramas e cartas a felicitar-me por ascender ao posto de Londres. Dizem-me que é como uma promoção. Os meus verdadeiros amigos parecem contentes. Dizem que é a coroação duma carreira. Não compreendo. Eu, no fundo, estou triste. Sinto que estou a chegar ao fim. Vejo já o muro que se depara duro ao fim dos meus esforços. Lanço o olhar sobre o curto pedaço de caminho que me falta trilhar e sobre o longo caminho percorrido. E fico triste. Porque falhei. Falharam as minhas ambições, perdi pela viagem, como dissolvido no ar, o meu maior sonho.

O meu sonho na vida era ser poeta. Não era ser funcionário, era prender aquela luz criadora que ilumina o mundo e o faz girar e que só penetra na alma dos poetas. Os raios dessa luz que entraram na minha alma apagaram-se na sombra dos papéis de officio. Quis ser poeta para cantar a alegria e as belezas do mundo. Para cantar a luz alegre, a bondade e a beleza do meu país. Ou não tive inspiração ou não deixei que ela entrasse em mim. Truncado, abandonado daquela grande bênção criadora, procurei com apego e com labor levar ao menos a contribuição do meu esforço para uma grande obra de engrandecer Portugal. Creio que no Japão aumentei o nome de Portugal.

Porém, visto agora quase do fim da jornada, tudo o que fiz é muito pouco. Desta pouquidade só posso retirar um ensino – a obrigação da humildade.

Se a Embaixada em Londres é o cimo da carreira, ao menos uma coisa levo comigo – a humildade que aprendi.

E levo ainda a ambição que não esmoreceu de aumentar Portugal.¹⁰

⁹ Excerto de inédito não datado.

¹⁰ Inédito não datado [1976].

O poema existe em Armando Martins. Mas não é um poema apenas para se ver com os olhos. O escritor tinha consciência dos meandros da poesia e do «caminho» que a ela conduzia, embora, na humildade que sempre o acompanhou, a elevação que conferia ao Poeta, isto é, àquele que ilumina a existência do homem vulgar pela poesia, nunca o tivesse deixado *ver-se*. A obra em Armando Martins nasce de uma paixão. Nasce da sua poesia.

Paula Mateus